

MILLER GUERRA

LOBO ANTUNES

Serviço de Neurologia. Hospital de Santa Maria. Lisboa

Não preciso confessar-lhes que me sinto muito embaraçado, para na dezena de minutos de que disponho, resumir tudo o que aqui queria dizer a respeito do Prof. Miller Guerra. Mas vou tentá-lo.

Começarei pela frase com que os Tharaud abrem a biografia do Péguy, e que a despeito da sua singeleza, tem um raríssimo poder evocativo. É ela: **Péguy, c'est ma jeunesse.**

Ora, se esta ocasião fosse apenas pretexto para umas referências pessoais, talvez me bastasse afirmar que **o João Pedro é a minha juventude**, para dar a entender aos que menos nos conhecem, como é antiga a nossa convivência, e funda a nossa afeição. Mas o momento exige também palavras de justiça; e eu irei dizê-las.

Julgo não exorbitar pensando que para muitos dos presentes, a figura de Miller Guerra é sobretudo a do semiologista exímio, conhecedor como poucos das minúcias do exame neurológico, inquiridor paciente e tenaz da história clínica, pesquisador infatigável dos sinais os mais raros e os mais difíceis de obter — e que muito provavelmente nunca mais voltaremos a procurar.

Para alguns, ainda, ele é o homem de cultura excepcional, sempre servida por uma memória pronta e fiel, tão à-vontade a discorrer sobre a poesia de Antero ou a prosa do Pascal, como a discutir as circunstâncias da doença do Camilo ou a analisar a filosofia dos românticos alemães.

Para outros, infelizmente poucos, ele é também o escritor claro, preciso, fácil, elegante, que só não criou a língua médica portuguesa, por alexia dos que apenas lêem ingleses ou americanos. E no entanto há nos seus escritos páginas de antologia que os nossos grandes prosadores não desdenhariam assinar. É preciso lê-lo.

Mas todas estas imagens que dele se tem, ainda que ajustadíssimas, são somente parte da sua verdade. E é aqui que se impõe fazer justiça.

Passo por alto as muitas outras actividades em que se ilustrou, para me cingir às que a meu ver são o seu melhor título. Lembro em primeiro lugar os inúmeros neurologistas que formou, uns directamente — e cito de memória: Cisneiros Ferreira, Céu Coutinho, Ataíde Ribeiro, Baptista Coelho, Fernando Tomé, Afonso Ribeiro, eu próprio — outros por intermédio dos seus discípulos ou assistentes, e que por estes, sem disso se aperceberem — tão vinculada foi a marca que em nós deixou — igualmente receberam a sua lição. Além dos que, muitos, por uma ou outra razão, se afastaram do Serviço, a este grupo pertencem todos os nossos actuais especialistas. No que me toca, para dar ideia do que penso terá sido a influência que ele sobre mim exerceu, transcrevo o que a propósito deixei dito no Currículo que submeti à apreciação da Faculdade quando me candidatei ao cargo de Professor Agregado. Escrevi eu — na terceira pessoa, conforme manda a tradição: «Com o regresso do Prof. Miller Guerra da expedição militar aos Açores — isto

dava-se por meados de 1943 — passou a repartir a actividade entre o laboratório de histologia e as enfermarias. Como ambos dispunham de muito tempo livre, aproveitavam-no para voltar ao hospital ao começo da tarde, e lá permanecer o resto do dia. Daqui adveio uma convivência com o actual Professor Extraordinário da Cadeira que foi para o candidato das mais profícuas. A variedade dos doentes que acompanharam em comum, as sugestões que a seu respeito trocavam, forneceram-lhe uma experiência que noutras circunstâncias dificilmente obteria. Julga não atraiçoar os factos afirmando que foi com Miller Guerra que verdadeiramente se exercitou na semiologia, se instruiu no diagnóstico diferencial, e se familiarizou com a obra dos clássicos da neurologia clínica.»

Mas outro papel teve ainda Miller Guerra, da máxima importância para o prestígio do Serviço e da Cadeira, não apenas fora mas também — o que hoje poderá parecer extraordinário — dentro do próprio hospital-Faculdade. Eu explico.

Por motivos vários, mas principalmente por ser ele, na época, o único Serviço nacional onde se praticava a cirurgia do sistema nervoso, a enorme maioria dos doentes que o procurava era do foro neurocirúrgico, e consequentemente também a tónica do ensino incidia sobre esta patologia. Isto tinha antecedentes, mas acentuou-se muito com a ida do Prof. Flores para a regência da Psiquiatria.

Daqui a noção que prevalecia entre os colegas do hospital, de ser o Serviço de Neurologia apenas um sítio onde se injectavam carótidas e trepanavam cabeças, não havendo nele quem se interessasse pela neurologia médica. É verdade que alguns clínicos mais antigos tinham outra noção, e que para o esclarecimento dos casos neurológicos que lhes povoavam as enfermarias, iam reclamando a presença dos Drs. Romão Loff ou Luís Pacheco. Mas por via de regra os mais novos chamavam para o efeito Diogo Furtado ou algum dos seus assistentes, isto é, recorriam aos neurologistas dos Hospitais Cíveis. E foi da acção continuada e competente de Miller Guerra, da confiança e estima que rapidamente conquistou de pessoas como Moraes David, Arsénio Cordeiro, Ducla Soares, Paula Nogueira, Frederico Madeira — sobretudo estes — que a ideia se desfez, e que também nós, os que o acompanhávamos, fomos adquirindo crédito no interior do hospital.

Outro ponto notável da sua acção refere-se aos horizontes que nos abriu, mostrando-nos quanto era vasto o campo da Neurologia clínica, e importantes e íntimas as suas relações com a Medicina Interna. Foi com ele que as doenças mais raras começaram a ser identificadas e estudadas no País, e as mais correntes aprofundadas nos seus pormenores evolutivos e sintomatológicos. A ele, sozinho ou com algum de nós, ficaram pertencendo as primeiras descrições clínicas ou anátomo-clínicas da doença de Wilson, da pancefalite subaguda, da encefalite de Schilder, da amiotrofia de Charcot-Marie, da atrofia olivopontocerebelosa, da epilepsia reflexa, das complicações neurológicas da terapêutica pela estreptomicina, etc., que viram a luz nas nossas revistas médicas. E foi com ele que aprendemos que para

Palavras pronunciadas na última reunião clínica do Serviço de Neurologia do Hospital de Santa Maria que antecedeu a jubilação do Prof. Miller Guerra (6/5/1982).

diagnosticar a esclerose em placas não é necessário aguardar que se desenvolva a tríade de Charcot, e que a polineuropatia de Guillain-Barré é uma banalidade da clínica. Em duas palavras: foi com ele que a nossa prática neurológica adquiriu actualidade e acertou o passo com o que se fazia nos serviços especializados estrangeiros.

Prestada assim justiça, uma última nota sobre a sua personalidade, como eu a vejo pelos meus olhos: antes de tudo, ele é um *senhor*, quero dizer, é incapaz de magoar, e é de uma tamanha tolerância perante as fraquezas alheias, que a mim, por vezes, quase me chega a exasperar. Tem, além disso, o pudor das suas emoções — o que a miúde o faz parecer menos sensível — e isto a um ponto tal, que, apesar de quatro décadas de convívio diário, nunca me deu o tratamento de *tu*. E possui uma tão grande largueza de espírito e independência mental, que, quando por acaso nos achamos em desacordo, sempre acabamos por nos dizer: — **Tem razão, não tinha pensado nisso.**

Meu querido João Pedro:

Perguntava-me você há dias, pareceu-me que quase a medo, o que iria eu fazer do seu gabinete do Piso 6 após a sua jubilação. Respondi-lhe que faria dele sala de visitas, e logo li em si uma íntima satisfação quando completou: — **Se vocês não vissem inconveniente, eu então deixava aqui os meus livros, e vinha até cá de vez em quando escrever as minhas coisas.** Quero agora acrescentar o que na altura não soube dizer-lhe: que para si, aquela sala nunca será sala de visitas, mas sempre, e enquanto estiver na minha mão decidi-lo, a *sua* sala.

Pedido de Separatas: Serviço de Neurologia
Hospital de Santa Maria
Lisboa, Portugal